

Rio canta para derrubar decreto

GILSON REBELLO

Uma velha canção de protesto composta no final dos anos 60 voltou a ser ouvida, nos últimos dias, pelas ruas do Rio com o coro das vozes de jovens que, naquela época, ainda não tinham nascido: "Caminhando e cantando / e seguindo a canção / somos todos iguais / braços dados ou não!". E acabou contribuindo para derrubar o decreto que liberava o valor das mensalidades escolares.

O movimento estudantil, que durante o regime militar atuou na clandestinidade, parece, só agora, revitalizado. A prova é a recente convocação feita pelo ministro da Educação, Hugo Napoleão, para uma reunião, em Brasília, com a diretoria da União Nacional dos Estudantes (UNE), e da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), com o objetivo de explicar e, ao mesmo tempo, pedir dos estudantes apoio ao novo decreto do governo.

Afinal, os novos líderes estudantis são, agora, diferentes dos da geração que há 20 anos enfrentou, também com passeatas — como a

dos cem mil em 1968 —, o governo: "Estamos representando apenas o movimento estudantil. Não temos partidos políticos. Por isso, a nossa luta é contra o aumento das mensalidades escolares. Nessa luta, não podemos utilizar palavras de ordens dos trabalhadores" — lembrou no Rio o diretor da UNE, William Alberto Campos, que, como líder, acha que não pode mais, sozinho, determinar a diretriz do movimento.

Na realidade, essa posição assumida por ele representa o pensamento dos estudantes que hoje ocupam os bancos das escolas: durante as últimas manifestações — que chegaram a reunir até seis mil estudantes — todos aqueles que tentaram dar um cunho político ao movimento, como o presidente da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Ames), Vladimir Valladares, foram vaiados pelos demais e não tiveram, como esse dirigente que queria invadir o prédio do MEC, sua voz de comando obedecida.

Os tempos mudaram e os jovens, que durante quase duas semanas levaram para as ruas as suas

reivindicações, exigindo o fim da liberalização do preço das mensalidades escolares, compreenderam essa mudança. Tanto é assim que muitas dessas manifestações foram organizadas de forma espontânea e sem, como no passado, as inúmeras reuniões prévias da cúpula do movimento estudantil, única forma, então, apesar da clandestinidade, para o protesto organizado.

Hoje, o que pesa é o fato de o País estar vivendo uma grande recessão e, principalmente, um momento de afirmação de suas liberdades: "Antigamente — disse William — os estudantes não eram ouvidos porque seus representantes não eram aceitos pelo governo e não podiam ser encontrados. Agora é o contrário. Nós é que não sabemos com quem temos de negociar. Se com o ministro da Educação, ou com o ministro da Fazenda ou mesmo da Casa Civil."

Com endereço certo e conhecido, a UNE não mete mais medo no governo. E a sua voz já pode ser ouvida, apesar de tudo. E começa a viver a fase de voltar a representar o estudante junto às autoridades. Rio/Agência Estado